

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

13 – A Libertação da Natureza (II)

14.11.21

(Parte IV – Capítulo IX)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -
Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo
2020 - 2022

1

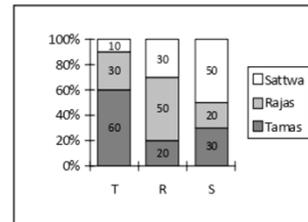
PERFEIÇÃO DOS INSTRUMENTOS					
IGUALDADE	PLENOS PODERES				EVOLUÇÃO
Superioridade às reações da mente e vida - Unidade - Entrega - Desapego - Aceitação	ELEVAÇÃO DA NATUREZA - Inteligência - Coração - Mente - Vida - Corpo	FORÇA DE ALMA (Purusha) - Conhecer - Vigor - Mutualidade - Serviço	SHAKTI DIVINA Substituir energia e vontade pessoais pela ação da Shakti	SHRADHA Fé na presença e poder do Divino em nós e em suas efetuações	Mente intuitiva M. Iluminada Sobremente Supramente Ser Gnóstico
LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO			LIBERTAÇÃO DA NATUREZA		
DESEJO: (semente) - Passivo: imóvel, sem expectativa - Ativo: imóvel e impessoal na mente Suprema Vontade age através dos instrumentos purificados	EGO: (existência separativa) - Estabelecer-se na idéia de unidade com o Divino Transcendental com o Ser Universal - Entrega - vontade sem desejo	DUALIDADES: belo / feio, sucesso / fracasso - Livrar-se do apego - Afastar-se das dualidades pelo retirar-se interior	3 GUNAS: superioridade - Tamas: quietude, calma divina - Rajas: vontade do espírito - Sattva: luz do Ser divino		
PURIFICAÇÃO					
BUDDHI - INTELIGÊNCIA E VONTADE (inteligência discernidora e vontade iluminada)			MANAS - MENTALIDADE INFERIOR (mentalidade animal, física ou sensorial)		
<ul style="list-style-type: none"> - Início da purificação: na Buddhi - Principal força para a efetuação: a vontade inteligente - 1º passo: desembaraçar-se do prana de desejo, transformando o ser vital em um instrumento obediente de uma mente livre - Separar ação e pensamento da mentalidade sensorial (desligamento do controle das sugestões de nossa natureza inferior) - Discernir a preocupação com coisas da natureza daquilo que a faz submissa à mente sensorial 			<ul style="list-style-type: none"> - Mente emocional: inclinação / aversão atração / repulsa - apego - Mente receptiva e emocional (base da afeição): inclinação / aversão emocionais - Mente ativa sensorial (mente de impulso dinâmico): canal de resposta emocional - Obstáculo: desejo -> distinguir entre vontade e desejo, entre o prana psíquico e o prana físico - Antes da purificação: dominar a intermitência e o clamor compulso do prana psíquico, aquietá-lo e prepará-lo para a purificação 		

2

- Os Gunas e as Dualidades: uma completa libertação do ego e da vontade de desejo deve trazer com ela uma superioridade aos modos qualitativos da natureza inferior, e uma cessação da ação dual da Natureza.

Tamas	Rajas	Sattwa
princípio e poder de inércia	princípio da cinese, paixão, empenho, combate, iniciativa	princípio de assimilação, equilíbrio e harmonia

- Esses três princípios entram em todas as coisas, combinam-se, são a força constituinte de nossa personalidade ativa, nosso temperamento, tipo de natureza e modelo de resposta psicológica a experiências.



- Todo caráter de ação e experiência em nós é determinado pela predominância e pela interação proporcional dessas três qualidades ou modos da Natureza.
- A alma em sua personalidade é obrigada a submeter-se a seus moldes: na maior parte das vezes ela é mais controlada por eles do que tem qualquer livre controle sobre eles.

3

A influência dos Gunas

	ser físico	ser vital	ser mental
tamas	<ul style="list-style-type: none"> • O grosseiro, inerte e ignorante tipo de natureza humana - ignorância - inércia - fraqueza - incapacidade 	<ul style="list-style-type: none"> - vontade impotente - falta de fé, iniciativa, auto-confiança - a não inclinação a agir - o recolher-se da empreitada, o recolher-se da aspiração - o pobre e pequeno espírito - a covardia, baixeza, vagareza - a submissão frouxa a motivos ignóbeis - a insensibilidade, indiferença, falta de simpatia - a alma fechada, o coração endurecido 	<ul style="list-style-type: none"> - razão enevoada - nesciência - não inteligência - apego a idéias habituais - apego a idéias mecânicas - recusa a pensar e conhecer - as passagens fechadas - o circular trotante do hábito mental - as partes escuras e crepusculares
rajas	<ul style="list-style-type: none"> • O homem vívido, incansável, cinético, conduzido pelo fôlego da ação, paixão e desejo • O estadista, o guerreiro, o vigoroso homem de ação 	<ul style="list-style-type: none"> - orgulho, arrogância, ambição, luxúria, avareza, crueldade, ódio, ciúme - os egoísmos do amor - todos os vícios e paixões - os exageros da estética - as morbidez e perversões do ser sensorial 	<ul style="list-style-type: none"> - egoísmo - a perversa, obstinada ou exagerada ação da razão - apego à opinião, erro - condescendência da inteligência a nossos desejos e preferências - a mente fanática ou sectária - orgulho, arrogância, ambição, luxúria, avareza, crueldade
sattwa	<ul style="list-style-type: none"> • O filósofo, o santo, o sábio - delicadeza, receptividade justa - moderação, equilíbrio 	<ul style="list-style-type: none"> - vontade subordinada à razão ou guiada pelo espírito ético - auto-controle, igualdade, calma - amor, simpatia, refinamento - medida, refinamento de mente estética e emocional - vitalidade subjugada e governada pela inteligência mestra 	<ul style="list-style-type: none"> - mente de razão e equilíbrio - clareza da inteligência aberta - procura desinteressada da verdade

- Os gunas tem uma influência relativa mais forte em:
 - *tamas*: natureza material - ser físico (inércia de força e inércia de conhecimento)
 - *rajas*: natureza vital - possuída pela força de desejo (ação e desejo - conflito)
 - *sattwa*: natureza mental - inteligência e vontade da razão (esforço de assimilação, equilíbrio e harmonia)
- Os gunas têm que ser transcendidos se queremos chegar à perfeição espiritual:
 - geralmente pelo retirar-se da ação da natureza inferior, usualmente com um reforçar da tendência à inação (*sattwa* + *tamas* - *rajas*)
 - quando os gunas entram em perfeito equilíbrio, toda ação da natureza cessa e a alma repousa em sua quietude (*sattwa* + *rajas* + *tamas*)

Quando essa libertação da natureza vem, ocorre também uma libertação de todo o sentido espiritual das dualidades da Natureza.

- No ser espiritual:

Tamas	Rajas	Sattwa
quietude, calma divina	vontade do Espírito	luz do Ser divino

Tamas, é evidente, deve ser ultrapassado;
a inércia, a ignorância e a incapacidade
não podem ser elementos de uma perfeição verdadeira,
mas ele só poderá ser ultrapassado na Natureza pela força de *rajas*,
ajudada por uma força crescente de *sattva*.

Rajas deve ser ultrapassado,
o egoísmo, o desejo pessoal e as paixões egocêntricas
não são elementos da perfeição verdadeira;
mas ele só poderá ser ultrapassado pela força de *sattva* clareando o ser
e pela força de *tamas* limitando a ação.

O próprio *sattva* não traz a perfeição mais alta e integral;
sattva é sempre uma qualidade da natureza limitada;
o conhecimento *sátvico* é a luz de uma mentalidade limitada;
a vontade *sátvica* é o governo de uma força inteligente limitada.

Ademais,
sattva não pode agir por si mesmo na Natureza,
 mas deve contar com a ajuda de *rajas* para toda ação,
 de modo que mesmo a ação *sátvica*
 está sempre sujeita às imperfeições de *rajas*;

egoísmo, incerteza, contradições,
 tendência à unilateralidade,
 uma vontade limitada e exagerada
 que exagera a si mesma na intensidade de suas limitações,
 perseguem a ação mesmo do santo, do filósofo e do sábio.

7

Existe um egoísmo *sátvico*,
 assim como existe um egoísmo *rajásico*
 ou *tamásico*
 e, no cume,
 um egoísmo do conhecimento e da virtude;

mas o egoísmo da mente,
 de qualquer tipo que seja,
 é incompatível com a libertação.

As três *gunas* devem ser transcendidas.

Sattva pode nos aproximar da Luz,
 mas sua claridade limitada desvanece
 quando entramos no corpo luminoso da Natureza divina.

8

Essa transcendência em geral acontece
quando nos retiramos da ação da natureza inferior.

Essa separação propicia a tendência à inação.

Sattva, quando quer se intensificar,
busca desembaraçar-se de *rajas*,
e chama para ajudá-lo o princípio *tamásico* de inação;

essa é a razão pela qual
certos tipos de indivíduos altamente *sátvicos*
vivem com intensidade em seu ser interior,
mas agem com muita dificuldade,
ou quase não agem, na vida exterior ativa,
ou então são incompetentes e ineficazes na ação.

9

Aquele que busca a libertação vai ainda mais longe nessa direção;
ele impõe um *tamas* iluminado a seu ser natural

– um *tamas* que, por essa iluminação salvadora,
parece mais uma quiescência do que uma incapacidade –
a fim de dar à *guna sátvica*
a liberdade de perder-se na luz do espírito.

Uma quietude e uma imobilidade são impostas ao corpo,
à vida ativa da alma de desejo e do ego, à mente exterior,
enquanto a natureza *sátvica*, pela força da meditação
e por uma exclusiva concentração da adoração,
por uma vontade voltada interiormente para o Supremo,
esforça-se para fundir-se no espírito.

10

Mas se isso é suficiente para uma libertação quietista,
não é suficiente para a liberdade de uma perfeição integral.

Essa libertação depende da inação,
ela não é inteiramente autoexistente e absoluta;

a partir do instante em que a alma se volta para a ação,
ela percebe que a atividade da natureza
ainda continua a velha moção imperfeita.

Pela inação, a alma é libertada da natureza,
mas essa não é uma libertação da alma na natureza,
perfeita e autoexistente, seja na ação, seja na inação.

Surge então a pergunta:
se tal libertação e perfeição são possíveis,
qual seria a condição para essa liberdade perfeita?

11

Segundo a ideia corrente isso não seria possível,
porque toda ação é determinada pelas *gunas* inferiores
e é, então, necessariamente defeituosa, *sadosam*,
causada pela moção das *gunas*,
por sua desigualdade, sua falta de equilíbrio, sua discórdia,
cujo desfecho seria sempre incerto;

mas quando essas *gunas* chegam a um equilíbrio perfeito,
toda a ação da Natureza cessa,
e a alma, então, repousa em sua própria quietude.

O Ser divino, poder-se-ia dizer, pode existir, ou em seu silêncio,
ou em ação na Natureza mediante seus instrumentos,
mas nesse caso, deveria assumir
a aparência da luta
e da imperfeição da Natureza.

12

Isso pode ser verdadeiro para a ação comum,
 que é uma ação delegada do Divino no espírito humano,
 com suas relações atuais entre a alma e a natureza
 em um ser mental encarnado imperfeito,
 mas não é verdadeiro para a natureza divina,
 que é, em essência, perfeita.

O conflito das *gunas*
 é apenas uma representação na natureza inferior imperfeita;

o que as três *gunas* representam
 são os três poderes essenciais do Divino,
 e estes não existem meramente no equilíbrio perfeito da quietude,
 eles se unificam no acordo perfeito da ação divina:

13

tamas, no ser espiritual, se torna a calma divina,
 que não é uma inércia nem uma incapacidade para a ação,
 mas um poder perfeito, *sakti*,
 que contém em si toda sua capacidade,
 e é capaz de governar e sujeitar à lei da calma
 mesmo a atividade mais gigantesca e mais formidável;

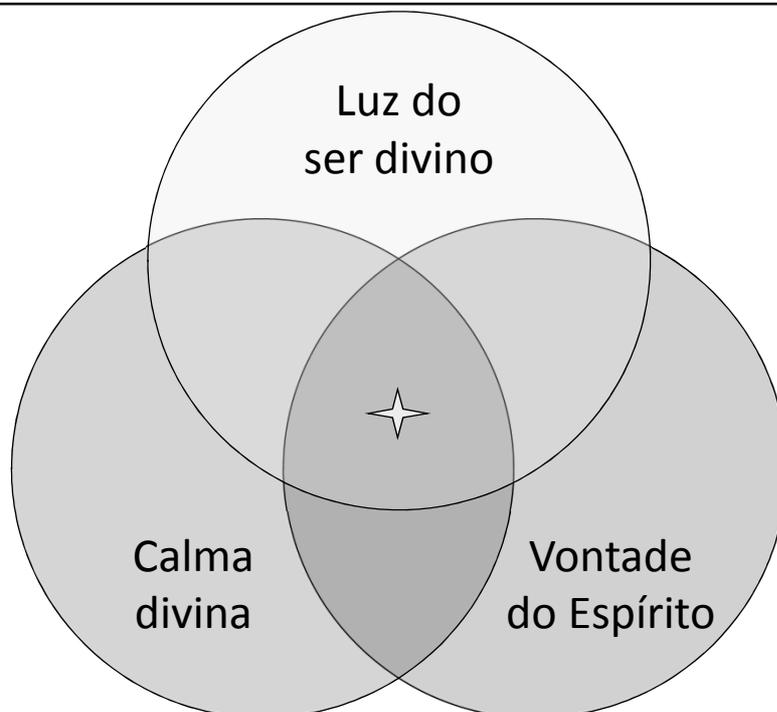
rajas se torna a pura Vontade do espírito,
 que põe em movimento a ação
 e se executa de modo espontâneo,
 uma Vontade que não é desejo,
 nem esforço,
 nem uma paixão em luta,
 mas o mesmo perfeito poder de ser, *sakti*,
 capaz de uma ação infinita,
 imperturbável e beatífica.

14

Sattva não é mais a luz mental atenuada, *prakasa*,
mas a luz autoexistente do ser divino, *jyotih*,
que é a alma do perfeito poder de ser
e ilumina, em sua unidade,
a quietude divina
e a vontade divina de agir.

A libertação comum
alcança uma luz divina imóvel
na quietude divina,
mas a perfeição integral terá como objetivo
essa unidade triúna mais vasta.

15



16

Quando essa libertação da natureza acontece, há também uma libertação de toda a percepção espiritual das dualidades da Natureza.

Na Natureza inferior, as dualidades são o efeito inevitável do jogo das *gunas* na alma influenciada pelas formações do ego *sátvico*, *rajásico* e *tamásico*.

O nó dessa dualidade é uma ignorância que é incapaz de apreender a verdade espiritual das coisas e se concentra nas aparências imperfeitas;

mas as enfrenta, não com o conhecimento da verdade interior delas, mas com um conflito e com o equilíbrio inconstante da atração e repulsão, da capacidade e incapacidade, da simpatia e antipatia, prazer e dor, alegria e tristeza, aceitação e repugnância; toda a vida nos é representada como um emaranhado dessas coisas:

17

agradável e desagradável, belo e feio, verdade e falsidade, fortuna e infortúnio, sucesso e derrota, bem e mal – a inextricável trama dupla da Natureza.

O apego às suas atrações e às suas repugnâncias mantém a alma presa a essa trama de bem e mal, de alegrias e tristezas.

Aquele que busca a libertação se liberta do apego, rejeita de sua alma as dualidades;

mas como as dualidades parecem constituir toda a ação, toda a substância e estrutura da vida, essa libertação parece ser obtida com mais facilidade ao abandonar-se a vida, seja por meio de um retiro físico (o tanto que for possível enquanto estivermos em um corpo), seja por meio de um retiro interior, uma recusa a consentir à ação da Natureza, uma aversão libertadora, *vairagya*.

18

Há uma separação entre a alma e a Natureza.

Em seguida a isso, a alma olha do alto,
imperturbável, *udasina*,
o conflito das *gunas* no ser natural
e observa como testemunha impassível
os prazeres e as dores da mente e do corpo.

Ou, ainda, ela é capaz de impor sua indiferença
mesmo na mente exterior
e, com a calma imparcial
ou a alegria imparcial do espectador desapegado,
observar a ação universal,
na qual ela não tem mais participação interior ativa.

A conclusão desse movimento é a rejeição do nascimento
e o mergulho no self silencioso, *moksa*.

19

Mas essa rejeição não é a última palavra da libertação.

A libertação integral vem quando
essa paixão pela libertação, *mumuksutva*,
fundada na aversão, *vairagya*,
é, ela mesma, transcendida;

a alma é então libertada de seu apego à ação inferior da natureza
e de toda aversão pela ação cósmica do Divino.

Essa libertação torna-se completa quando
a gnose espiritual pode agir com um conhecimento supramental,
receber de maneira supramental a ação da Natureza
e responder com uma luminosa vontade supramental
a cada iniciativa.

20

A gnose descobre o sentido espiritual da Natureza,
Deus nas coisas,
a alma do bem em todas as coisas com a aparência contrária:

essa alma se liberta nelas e fora delas;
as deformações das formas contrárias ou imperfeitas desvanecem
ou são transformadas em sua verdade divina superior
– do mesmo modo, as *gunas* retornam ao seu princípio divino –
e o espírito vive em uma Verdade, um Bem, uma Beleza,
uma Beatitude universais, infinitos e absolutos
que são a Natureza divina ideal ou supramental.

A libertação da Natureza se une à libertação do espírito,
e a perfeição integral se estabelece na liberdade integral.

21



A palavra é um som que expressa a ideia.

No plano suprafísico, quando uma ideia deve ser realizada,
pode-se, repetindo a expressão verbal da idéia,
produzir vibrações que preparam a mente para a realização da ideia.

Esse é o princípio do Mantra e do japa.

Repete-se o nome do Divino e
as vibrações criadas na consciência
preparam a realização do Divino.

É a mesma ideia expressa na Bíblia:
“Deus disse: haja luz e houve luz”.

É criação pela Palavra.

[Sri Aurobindo. CWSA vol 27, Letters on Poetry and Art, page 7]

Neste Yoga não existe um mantra fixo,
nenhuma ênfase é colocada nos mantras,
embora os *sadakas* possam usar um se acharem útil
ou desde que o considerem útil.

A ênfase está mais na aspiração da consciência
e na concentração da mente, do coração, da vontade e de todo o ser.

Se um mantra for útil para isso, deve-se usá-lo.

O OM, se usado corretamente (não mecanicamente),
pode muito bem ajudar na abertura para cima e para fora
(consciência cósmica), bem como na descida.

16 de outubro de 1935

OM é o mantra, o símbolo sonoro expressivo da Consciência de Brahman em seus quatro domínios, do *Turiya* ao plano externo ou material.

A função de um mantra é criar vibrações na consciência interior que irão prepará-la para a realização do que o mantra simboliza e supostamente carrega consigo mesmo.

O mantra OM deve, portanto, levar à abertura da consciência para a visão e sentimento da Consciência Única em todas as coisas materiais, no ser interior e nos mundos suprafísicos, no plano causal acima agora superconsciente para nós e, finalmente, a suprema transcendência livre acima de toda existência cósmica.

A última costuma ser a principal preocupação daqueles que usam o mantra.

